

O SARDÃO

Antonio J. Cachada

Redacção e administração

RUA D. ANTONIO PARROSO, 63, 1.º andar

Composição e impressão

TYP. DA «CASA IDEAL»—BARCELOS

Publica-se nos dias em que saír



FOLHA ILUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

5.º ANO

BARCELOS, Janeiro de 1914

N.º 35

Sempre na brécha

Como vos parece que mais para diante, somos um pouco fraquinhos, bem contra a nossa vontade, para com a grei desqualificada que por aí continua a dar as cartas, dedicamos-lhe este pequeno artigo para que o publico não julgue que temos alguma posta promética ou que nos assustam as bombas.

Nada d'isso. Ca estêmos, sempre féros e aptos para fustigar as alimárias tinhosas, que a cada momento mostram as ferraduras.

Se bem que o *RELHO* tenha o ôsso atravessado nas guelias e ande por isso um pouco afastado, não pôde escapar-nos por enquanto ao vaim do azorrague.

O *ZÉ MULA*, modelo dos *tesoureiros*, continua a tramari na sombra para reassumir a direcção dos cobres e das enfermeiras que por aí traz aboletadas.

O *AGUA D'UNTO*, com aquele seu ar serafico, permanece, assinalando-se tristemente, á frente do Senado, onde a asneira continua a abundar e a dar resultados perniciosos como os d'um *Frasquinho... de Veneno*.

O *VASSOURA*, melro de bico amarelo, dedica-se agora á conquista trazendo, para esse fim, as suas ordens o *ZÉ DA VELHA OU MINHOTÁES*,—animal exótico, importado lá dos lados de Guimarães, —e dando provas com aquele seu focinho de garrano galêgo, de bom masmarro libidinoso.

O *ESTABAREDA*, bastante amarelecido pela figadeira e talvez

pelo remorso, vae fazendo a mesma tristissima figura de que tão sobejas provas tem dado. E' um seixo com figura de chimpanzé.

O *PULGA*, aquele microscópico *roedor* que vemos n'estes tempos da neve encasulado n'uma rapoza *esfolada*, trazendo só de fóra o focinho de fuinha, trabalha ás escondidas como os ratos pelos canos de esgôto, para proteger a reles cambada a quem Barcelos desgraçadamente se vê sujeito.

Muitos outros especialisariamos mas, dada a sua estupidez de verdadeiras couçoerias, não merecem, por serem irresponsaveis, que se gaste tinta nem papel.

Eis por hoje satisfeitos os nossos ardentes desejos de sempre sermos *agradaveis* a essa escória em que com nojo ha já algum tempo vimos mexendo.

Pará a outra vez diremos outro tanto ou mais se pudermos.

E... ponto final.

Despedida tenebrosa

Visto não terem ido pelo ar as urnas da eleição paroquial, teve de tomar posse a nova *pleiade*, motivo porque na sacristia da Igreja Matriz se reuniram todos os *pindalibis* cessantes afim de solenisar condignamente a sua queda.

Como o recinto era *apropriado* para o caso e o Zé da Mãe, n'estas coisas, não encontra espinhas, foram introduzidos ali, a ocultas da Senhora da Graça e do S. Sebastião, alguns quartilhos de *gesso*, acompanhados de flamengo, rosquilhos, nozes e castanhas.

Assumiu a presidencia o respectivo presidente, que, depois de ter inalticido as grandes obras feitas em todo o edificio, como fossem: um concerto nas *carréchas* do Meão, a pintura democratica nas grades e a suspensão ao

Zé da Mãe, que tambem é uma parte do edificio, traçou o elogio funebre dos falecidos-vivos ali presentes e recordou os tempos passados da bohemia e das guitarradas d'aquela *pleiade* illustre a que pertenceu.

Molhando novamente a palavra, pois nos haviamos esquecido de dizer que já o havia feito, deu por finda a oratoria e começou, pedindo o auxilio de todos os presentes, a espetar os *caninos* no *flamengo* e demais acepipes que para ali haviam sido transportados.

Como não houvesse cópos para todos, foram utilizadas as galhetas e a caldeira, depois de previamente lavadas com agua da pia.

As castanhas, que estavam um pouco duras, foram levemente aquecidas no turibulo, motivo porque sahiram com um gostinho a incenso.

No final realisou-se, no côro, um sarau, tocando orgão com grande pericia e sentimento o *maestro* João Candido, cantando o fado do Hylario, o *sujra dito cujo*.

O Zé da Mãe, no auge do entusiasmo, tocou nas matracas o *«queremos Deus que é nosso Rei»*.

E assim terminou a administração d'esta saudosa e imorredoura *pleiade*.

A's familias enlutadas os nossos sentimentos.

CINEMATOGRAFO

Continuam com regular concorrencia as sessões cinematograficas no elegante acachapado theatro Gil Vicente.

As sessões, de ordinario são impingidas ás doses, para não enfatiar, e porque as fitas não se dão com o aparelho e no melhor da festa saltam fóra, o que, afinal, acontece com muitas coisas.

Recomendamos mais justeza no funcionamento para que os espectadores não fiquem desconsolados e a engulir em sêco.

De resto a coisa corre bem e as fitas agradam.

KALENDARIO

(1.ª QUINZENA DE JANEIRO)

1. *Quinta*—Faz um ano que o ano passado foi dia de ano novo.

2. *Sexta*—Dia de revista... aos canos de esgoto. Não guardes para amanhã o que podês fazer hoje.

3. *Sabado*—Fim da semana e dia de pret. Se tens cães fa-los ladrar.

4. *Domingo*—Cinematografo. Bebe mais um golo e deixa correr... as fitas.

5. *Segunda*—O sôr Bacêlo anuncia pela decima milionessima vez, que vai deixar o senado. Luto nacional.

6. *Terça*—Estreia dos doutores e livre transito á asneira.

7. *Quarta*—Armam-se as barracas no Campo da Feira.

8. *Quinta*—Feira dos porcos. Cumprimentos em Braga ao heroi dos baratos.

9. *Sexta*—Dia de jejum. Faz anos o se Zezinho.

10. *Sabado*—A porca do Zé da Mãe teve seis bacorinhos. Novena.

11. *Domingo*—O Agua d'Unto tomou uma purga. Temporas.

12. *Segunda*—O tótó do Bacêlo botou a solitaria. Rancho melhorado.

13. *Terça*—O sôr Varros puchou pelo revolver. Desceu o vinho.

14. *Quarta*—O Vassoura sahe e entra. Regosijo no Manicomio.

15. *Quinta*—O Zé Mula passa revista aos titulos do galego.

Cautela com as malas.

Anedocta autentica

Sempre que em qualquer ponto teraqueo existe alguma joven que por sua felicidade é senhora de alguns haveres, logo lhe aparecem pretendentes aos cardumes e cada qual mais parvo e galanteador. A sua insistencia muitas vezes, chega a ponto de elas se verem obrigadas a manda-los embora.

Ora os srs. teem visto a assiduidade com que um presumido bacharel persegue por aí uma distinta dama que dizem ser senhora de avultada fortuna. Nas ruas, no theatro, em toda a parte, o presumido lá está a desfazer-se em tregaitos e em frases amorosas que ela parece não vê e não ouvir.

Mas a melhor é esta. O outro dia tocava a illustre joven uma valsa no seu piano, estando ao lado sentado o dedicado pretendente.

Acabada a execução diz este, com aquele galanteio ultra-comico de que usa:—V. Ex.ª não calcula o que sinto quando a ouço tocar esta valsa. E' assim como um desejo de voar, de partir para longe...

Sim?—diz-lhe a dama, muito amavel.—Pois vou toca-la imediatamente.

Escusado será dizer que o bacharel fingiu não perceber.

Endeixas á pêra do Vassourinha

*Ha no céu desoito estrelas
Todas dispostas em linha.
A mais maior d'elas todas
E' a pêra do Vassourinha.*

*Ouvia gabar os beijos
Dizer d'elles tanto bem...
Mas quem poderá dar beijos
Se uma pêra não tem?*

*Fechei na mão um sorriso
Da tua boca formosa...
Pudesse eu fechar na mão
A tua pêra sedosa.*

*Da janela do meu quarto
Vejo saltar a sardinha
E brilhar o sol nascente
Na pêra do Vassourinha.*

*Eu por ti me perderia
Pois até um santo pecca...
Mas eu pela tua pêra
Morreria meu padréca...*

*Adeus ó tranças cor de ouro,
Adeus seio cor de neve.
Adeus pêra tentadora
Vae p'ro dèmo que te leve.*

BOCADINHOS D'OIRO

Os bombeiros mal ouvem os sinos a *repicar* são os primeiros a largar em destilada, não se importando da familia.

(Bacelo, discurso na ceia dos bombeiros)

Coisas que desagradam

—Ter umas botas novas que nos apertam os calos.

—Partir o botão do colarinho quando nos vestimos apressados.

—Entalar um dedo na porta do comboio.

—Sermos surpreendidos pelo pai da Pega, quando falamos com ela.

—Trincarmos uma areia quando comemos uma coisa de que gostamos.

—Encontrarmos um cabelo na sopa.

—Levantarmo-nos cêdo numa manhã de neve.

—Entrar em casa tarde e não encontrarmos os fosforos.

—Irmos para fóra da terra e esquecer-nos uma coisa de que muito precisavamos.

—Chegarem aos ouvidos da esposa as nossas infidelidades.

—Ter um passeio projectado para determinado dia e nesse dia chover a cantaros.

—Querer escrever para o «Sardão» e não haver assunto.

Um misterio

Varias hipoteses se teem formulado sobre aquela proibição feita à banda dos Bombeiros Voluntarios, de tocar no jardim publico. No intuito de esclarecer o caso, temos consultado varias figuras em destaque sem que até agora tenhamos chegado a um resultado satisfatorio.

A primeira pessoa que ouvimos foi o proprio jardineiro que nos disse por entre os dentes que o bater dos pratos assustava os peixinhos vermelhos do lago.

Ouvidc o vereador da sua visinhança, disse-nos que as pancadas do bombo faziam estremecer o bacalhau o que o fazia secar e diminuir de peso.

Consultado o Lucas, foi este de opinião que aquilo era para não melindrar as arvores do grandioso projecto Marques da Silva.

Interrogado o se Zezinho, respondeu que não queria abalados os penachos de que é tutor.

E finalmente o sr. Coutinho disse-nos que o estrondo da musica sacudia a ferrugem ao aço e o tornava mais leve.

Já veem pois os nossos leitores, que teem sido infructiferos os nossos esforços, faltando-nos apenas consultar as feiticeiras a vê se,deitando as cartas, elas nos desvendam este intrincado enigma.

CURA DELEITOSA

Segundo bufa um *periólico* da estranja que, salvo erro, parece londrino, um *sabão* qualquer, de nome muito *estrombólico*, diz que o melhor remedio para quem sofre do estomago é a carne humana.

E nós que não temos um momento d'alivio sofrendo muitissimo d'esse orgão e tanta *pêga* a passar-nos á porta e até ás vezes, de raspão, cheinhas de xixa...

Até dá vontade de a gente aplicar a receita a titulo de experiencia!

HINO DAS SOPEIRAS

Um grupo de guapas sopeirinhas, cá do burgo, ha já tempos vieram á nossa redacção (salvo seja) participarnos que tinham fundado uma associação de classe e pedir-nos para escrevermos a letra de um hino de protesto contra as prepotencias das patrões e abusos dos patrões.

Tambem nos comunicaram que, a exemplo do que fez o operariado portuguez, escolhendo para seu dia de festa o 1.º de maio, elas escolheram o dia da Santa Cruz do Penouço, que se venera n'uma modesta capelinha e em sitio muito apropriado... para divisesões.

Nós com a maior boa vontade accedemos ao seu pedido e hoje publicamos a letra do tal hino, que é, como vão vêr, uma beleza da hortaliça.

Ora pois:

HINO DAS SOPEIRAS

Musica do «Ora agora viras tu»

*A classe das sopeiras
Precisa de protestar,
E obrigar as patrões,
C'os patrões, a trabalhar.*

Ora agora viras tu etc.

*Queremos que os domingos
Fiquem livres de canceiras
Pois é esse o melhor dia
Para as nossas brincadeiras.*

Ora agora, etc.

*As patrões que trabalhem
E nos deixem descansar,
Que o trabalho dos patrões
Chega bem p'ra extenuar.*

Ora agora, etc.

*Venha augmento d'ordenado,
Não fazem nada de mais
P'ra usar saia travadinha
Em festas e arraiaes.*

Ora agora, etc.

*Deixemos a chinelinha
Que é coisa muito parôla
Usemos como as meninas
Sapatos, tacão de rola.*

Ora agora, etc.

*Se não formos atendidas
N'estas nossas petições,
Escacamos as patrões
E rifamos os patrões.*

*Ora agora viras tu
Ora agora viro eu
Ora agora viras tu
Viras tu mais eu.*

Oferta católica

O serafico beato e grande iniciador das *peligrinações* á Franqueira e camarista... por um triz na lista democratica (!) enviou-nos no dia de ano novo, dois lindos cartõesinhos representando um, o S. Gonçalo d'Amarante, casamenteiro das velhas e o outro o S. Paio da Torreira, que ás calças chamava saias.

Nas *trazeiras* dos santinhos vem o anúncio de ferros, ferragens, oleos, tintas, vernizes e parafusos, *parafusaficadamente* falando.

Ora sim senhor, isto é que é uma boa lembradura!...

Lá que êle mandasse isto ao sôr Albino, estava bem; mas cá para nós que *sêmos* pedreiros livres, de pico rombo, é forte, é tezo!...

Em todo o caso vamo-los pôr em cima da comoda, de lamparina ao pé, depois da benzedura feita pelo reverendo e masmarratico Vassoura, *vassouraficadamente* falando.

Para o ano lhe agradeceremos a gentileza da oferta enviando-lhe tambem uma linda *marquinha* com a imagem de S. Francisco e as *respectivas armas*, tendo nas trazeiras este annuncio:

"O SARDÃO"

Folha ilustrada com aspirações a humorística.

Publica-se nos dias em que sair.

Se para a Paschoa, publicar nova edição, não se esqueça de nos contemplar.
Deus guarde a V. Ex.ª.

Senado Mancipal

Precisamente dez minutos depois de subir o foguete, principiou o pagode com a assistencia selecta de varias moscas, mosquitos e moscardos. A sala achava-se repleta de hydrogenio, oxygenio, azote, gaz carbonico e mais tarde, de acido sulfidrico em decomposição. Era uma sessão chimico-putrefacta!

Notava-se em todos os semblantes grande contentamento, motivado pela noticia auspiciosa da permanencia no poleiro, de tão assinalada matilha.

O sôr Agua d'Unto congratulando-se com o triste triumpho conquistado, propõe que na acta seja consignada a grande victoria e lê uma carta do sôr Bacêlo em que este imprescindivel ornamento se lastima por ter abandonado o senado, em frases de repassada amargura, e participa que a estrada para a Franqueira está em via de conclusão.

Em seguida toma-se conhecimento de um requerimento do Virgilio em que, na qualidade de amanuense interino, pede para lhe ser dada uma farda igual á do Serantas e que lhe seja concedida licença ilimitada para gosar

em Barcelinhos, no Largo do Tanque. Deferido.

O Vassoura, que se achava presente, pede para usar da palavra, pois, por instrucções superiores, ia conceder cem dias de indulgencias ao Zé Mula em recompensa das suas manigancias. Aprovado.

O sôr Bacalhau apresenta um officio em seu nome, escrito pelo proprio punho do Izidro, propondo que se se meie macarrão no Jardim, que a relva seja substituida por tapioca e as *panxarcas* do lago por polvo galego e bacalhau *granizé*.

Este alvitre foi muito aplaudido e aceite com geral satisfação.

Pelo sr. secretario é lido um officio assinado pelo Luizinho das Chaniscas e pelo se Zezinho, propondo que o marco postal fronteiro aos seus chalets seja substituido por um busto tambem postal, representando a D. Zéfa, e com a entrada das cartas pela parte inferior. Foi tomado na devida consideração, visto no mesmo officio declararem os signatarios que para o levantamento do projecto se entenderiam com o especialista *d'esta arte* sr. Benjamin.

O sôr Vassoura levanta nesta altura vivos protestos e diz que só êle como representante dos bons masmarrros se deve ir entender com o *artista*. Ha grande confusão querendo todos por sua vez desempenhar esta *deliciosa* missão.

Final por parte do sôr Pindahiba resolve-se que cada qual por sua vez e a ocultas, por causa das más linguas, vá tratar deste assunto para melhor *apinhar o ponto* principal em que deve basear-se tão grande melhoramento.

E como não houvessem assuntos mais a tratar ficou esta encerrada até ás kalendas.

Já é!

Ora calculem *Vocelencias*, illustrissimos, excelentissimos e reverendissimos senhores *cidadãos* como ficaria o *pescada* Antonio Zé ao apinhar a *taluda* na lotaria da Santa e Phosforica Casa dos *Espera Galego!*

Foi tamanho o contentamento e tão piramidal a alegria que até o rancho lhe pareceu de boteifa, quando êle era de fressura e pimentos torrados.

Se não fosse conhecerno-lo muito antes do diluvio universal e já no posto de aspirante, atribuiriamos o seu goso a qualquer outra coisa que para af se vende com o rótulo de «Paraty», ou porcaria semelhante.

Mas o certo é que, pondo a gente a *manguação* de parte e o caso em si, um relógito amarelo a bater, tic,

tic, tic e prartado no sitio das medalhas parece que devia ficar a matar.

Mas o pior, amigo Antonio Zé, era o Relho que apenas o miserásse a distancia de lhe poder deitar a manapula, fazia-lhe o séte e já não havia fanfas... Lá ia no bond dos baratos.

E éle que é tão perdido por este sport!

O melhor e para se livrar de canceiras é manda-lo para cá que nós pomo-lo no prégo e nem juro lhe levamos, por ser para amigo.

Receitas uteis

FRIO DOS PÉS

Pucha-se uma cadeira para o pé da lareira, onde previamente se põem algumas achas a arder, expõem-se os pés á fogueira e ao fim de alguns minutos devem estar quentes.

CONTRA AS PULGAS

Trazem-se os cobertores para o sol e apanham-se com os dedos indicador e polegar da mão direita todas as que forem aparecendo, esma-

O NOSSO FOLHETIM

«Expressamente» fabricado para o «Sardão»

DE

VAZ PEREIRA

A ENCOMENDA

(Conclusão)

—Extraviaram-se as cartas, Fernando; precisamos escrever de novo—dizia Georgina, com ar desolado e triste, abraçando-se ao marido e levando-o com doçura para o seu quarto, onde estava a secretária, discretamente escondida nas rendas do cortinado.

Chegando lá, pedia-lhe com meiguice entre beijos e abraços:

—Muito comprida a carta, sim? Que seja bem explicita... Recomenda brevidade.

E, na penumbra do gabinete que a verbena perfumava e onde os passos se morriam na surdez das alcatifas, aquela escripturação, por vezes muito prolongada, terminava sempre em desmaios de cansa-

gando-as em seguida com a unha ou com a ponta do chinelo. De noite se algumas ainda houver na cama, não serão, com certeza, tantas.

CONTRA A TOSSE

Fazer todo o possível por não tossir mas se ela apertar, tossir á vontade.

PARA O VINHO NÃO AZEDAR

Meter-lhe a torneira e bebe-lo o mais depressa possível.

CONTRA AS FRIEIRAS

Ir coçando nelas e esperar que chegue o mez de Maio.

TRAÇA NO VESTUARIO

Ter-se só a roupa que se traz no corpo.

NODOAS

Corta-se a fazenda em volta da mancha tapando o buraco com um remendinho do mesmo tecido ou mer-

ço. Por novo tempo esperaram a remessa que não vinha.

—Outra vez se extraviaram as nossas cartas, Fernando; é preciso escrever mais... escrever com frequencia...

Mas o marido, tendo sido, quando solteiro, guarda-livros em escriptorios diversos, começava a fatigar-se com o serviço que a mulherzinha lhe impunha. Recusava-se terminantemente a dispender o seu trabalho sem resultado algum.

Se já sabia que as cartas se extraviavam todas! Para que havia de gastar inutilmente as suas forças?!

—Sim, minha filha, para que havemos de eternamente passar a vida na secretária, a pedir uma encomenda de Paris, se temos a certeza que a encomenda não vem nunca? E' inutil, bem vêes...

Mas ella não se resignava assim á renuncia das suas ambições.

Era casada, tinha direito a ter um filhinho, um rapazote muito gordo, muito sadio, que mamasse com sotreguidão nas pontinhas rosadas do seu peito. Senão, para que casara ella?

Sim, para que casara? Mas o seu marido, tão docil, tão bom, não recusava por certo este pedido á sua mulherzinha!...

—Não, Fernando, não me recuses o que te peço, não? Vamos escrever mais

gulha-se o vestuario manchado no liquido ou substancia que produziu a nodoa para que fique de uma só côr.

PARA O SONO

Uma caminha muito fofinha, bons cobertores se é no inverno e deixar correr.

Telegrafia sem arames

Escadario do Senhor da Cruz—17 ás 2 e 25 m. da t. — Os abaixo assinados protestam inergicamente contra a falta de sol.

Melo
Vale
Varros
Trompa
Jejum
Cara Alta
Theotonio
C. de Cêbo.

Alheira, 4, ás 3 h. da t. — As tripas que o alcade desta cidade, sôr A. Onso Portela, ofereceu ao Vassoura e demais cáfila, estavam bastante cheirosas e cheias de... mas elles lumberam os beiços.

Que lhes preste.

cartas. Alguma ha-de chegar ao seu destino. Se não fosse preciso o teu auxilio e a tua assignatura tantas cartas escreveria, tantas, tantas... que o filhinho havia de cnegar. Faze-me isto. Vamos escrever, sim?

—E' inutil, minha filha, já sabemos que é inutil.

—Não desanimes ainda; tentemos mais uma vez.

—Para quê? E' mais um esforço em vão. Sim, meu amor?... Uma carta só... Está-se tão bem no escriptorio... E' tão perfumado e quente...

—Mas estonteia esse perfume e enfraquece o seu calor. E para que mais desperdicios, se a encomenda não vem nunca?!

—Uma vez só...

—Não. Para quê?

Então Georgina, abraçando Fernando, córando muito, diz-lhe ao ouvido, baixinho, muito baixinho:

—Pois não adivinhaste ainda?!

Se tinha algum desejo de que a encomenda chegasse, no que eu tenho um prazer extraordinario, um prazer doido, é em pedir a remessa. Vamos...

